

É preciso falar sobre massacres em escolas

» LORENA NOGAROLI

Especialista em reputação e gestão de crises de imagem em instituições de ensino, é diretora do escritório da Central Press no Reino Unido, em Londres

Antes do último ataque a escolas ocorrido em uma creche de Santa Catarina, uma pesquisa realizada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) levantou 23 registros de ataques com violência extrema em escolas no Brasil desde 2002. O que chamou a atenção dos pesquisadores foi a periodicidade dos atentados: quase metade foi feita em menos de um ano e, mais de um terço, de junho do ano passado para cá. Outra pesquisa, feita pela Universidade de São Paulo (USP), mostra o crescimento acelerado dos ataques: foram mais de 10 apenas nos últimos 10 meses.

De acordo com o estudo da Unicamp, os 23 ataques realizados em 20 anos mataram 24 estudantes, quatro professores e outros dois profissionais de educação. Os motivos, na maioria dos casos, foram vingança, raiva e cultura extremista. O momento exige que sejam discutidas medidas eficazes de prevenção e combate a novos episódios. É preciso repensar as medidas de segurança, avaliar as fragilidades e revisar os procedimentos adotados nas escolas brasileiras.

Segundo especialistas, é comum que os autores desse tipo de crime tenham uma ligação com a instituição que atacam. Geralmente, são escolas onde eles estudam ou já estudaram, um local que conhecem, que fez parte da vida deles e está na memória. É lá, também, que podem ter surgido problemas ou conflitos com professores, funcionários e colegas. Pelas análises, os autores miram, geralmente, funcionários, mulheres, rivais ou colegas que invejavam, buscando algum tipo de revanche.

Essas ações colocam em discussão o papel da imprensa na cobertura e na prevenção desses acontecimentos. Ao ver atos como esse recebendo grande atenção da mídia e da sociedade, agressores em potencial pensam que também terão uma autoimagem "gloriosa". Ao planejar um atentado, eles sabem que serão apresentados de determinada maneira na imprensa, nos telejornais e nas redes sociais — e que seus atos terão maior visibilidade quanto maior for o número de mortos.

Não são todos os jornalistas que seguem os protocolos divulgados por especialistas, como evitar a exposição de vítimas e agressores, com a divulgação de imagens, vídeos ou conversas. Essa recomendação tem o objetivo de impedir o chamado efeito contágio, que faz com que cada novo atentado seja inspiração para outros mais. Segundo o estudo da Unicamp, a janela para potenciais imitadores é de aproximadamente 13 dias.

Todas as escolas — das mais vulneráveis às mais seguras —, nas suas proporções, estão sujeitas a ataques em massa e, por consequência, à grande cobertura da mídia, podendo colocar em risco a reputação da instituição de ensino. É importante certificar-se de que funcionários, professores e pais são aliados e estão cientes do



esforço da escola para prevenir acidentes e ataques, pois eles serão, inevitável e extraoficialmente, entrevistados para dar sua versão do fato. Se um porta-voz da escola não der entrevista prontamente, boatos poderão ser publicados e exibidos como verdade, correndo o risco de deixar a opinião pública contra a escola.

Como o melhor remédio ainda é a prevenção, a segurança não deve ser vista como custo, mas como investimento. Muitas vezes, o perigo está dentro da própria escola. Por isso é tão importante detectar padrões de comportamento suspeitos, já que os autores de ações violentas dão sinais antecipados de que há algo anormal em sua vida. Em conjunto com familiares, a escola pode diagnosticar sinais de alerta e fazer uma intervenção. Ainda que seja preciso cuidado para não incorrer em generalizações, os estudos sobre ataques dessa natureza revelam pontos em comum: os atiradores tinham vínculos com as escolas, eram ou se sentiam vítimas de bullying e premeditaram o crime — oferecendo sinais que não podem ser desprezados por educadores, pais, especialistas na área de saúde mental e autoridades policiais.

Entender esse padrão pode ajudar na prevenção de futuros ataques. Em geral, os agressores têm dificuldade de inserção social e, ainda que muitas vezes não tivessem praticado violência até então, acumulavam algum tipo de ressentimento agudo em relação à sociedade e à comunidade em que viviam. Muitas vezes, identificam a escola como um lugar de opressão e ressentimento e costumam ter alguma relação traumática não elaborada com o lugar.

É preciso muito diálogo entre escola, alunos,

pais, professores e funcionários para prevenir, identificar e minimizar os riscos e tranquilizar todos os envolvidos na comunidade escolar. Uma situação de extrema violência, como temos visto acontecer com maior frequência no Brasil nos últimos meses, pode suscitar diversas discussões em sala de aula: bullying, isolamento, depressão, doenças psiquiátricas. De acordo com estudos, os autores desse tipo de crime sofrem frustrações de longo prazo, mas geralmente têm como amigo apenas alguém que os estimule a praticar violência. Os estudantes precisam se sentir acolhidos por todos ao seu redor e acompanhados por profissionais competentes.

E, por fim, é importante que os pais saibam que têm um papel decisivo nessa luta pela paz, harmonia e respeito, não apenas dentro da comunidade escolar, mas em toda a sociedade. Os pais devem conversar com os filhos adolescentes e escutar o que o jovem tem a dizer, sempre no sentido de oferecer orientação e acolhimento, porque é esperado que muitos jovens se sintam abalados e inseguros.

Também é função dos pais monitorar as atividades de crianças e jovens nas redes sociais. Por mais que a discussão sobre invasão de privacidade seja válida, os adultos devem verificar conteúdos acessados e produzidos pelos filhos em computadores e celulares. Quando acontece uma tragédia envolvendo crianças e adolescentes, policiais encontram pistas importantes ao olhar o celular e o computador desses jovens. Se um estudante começa a postar coisas sobre armas, se o comportamento muda de uma hora para outra, não dá para ignorar. É preciso intervir logo e procurar ajuda enquanto há tempo.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Discrição e soberba

Discrição e recato estão — ou deveriam estar — entre as mais importantes qualidades a serem reconhecidas num chefe de Estado. Com essas virtudes, postas a serviço da nação, todo e qualquer líder servirá como um exemplo a ser seguido e admirado, sendo sua gestão fadada ao sucesso. Na cartilha escrita por Maquiavel (1469-1527), todo príncipe deve demonstrar ao menos cinco qualidades básicas, se quiser ser bem sucedido: ser fiel ao povo; ter humanidade; possuir piedade com todos; ter religiosidade e, sobretudo, apresentar grande integridade.

De forma sucinta, todas essas virtudes têm origem e são traços do caráter de um indivíduo. Os mais renomados headhunters do mundo, ou seja, profissionais que andam à caça de pessoas altamente qualificadas e de verdadeiras lideranças, descrevem, de forma geral, a retidão de caráter como um fundamento essencial na escolha de bons gestores.

Como repetia o filósofo de Mondubim, uma má pessoa jamais será uma boa profissional. Em algum momento do percurso, a pessoa se revelará, colocando tudo a perder. É assim nas mídias e grandes empresas. É assim também na vida política. Hoje, dado à grande e à quase instantânea exposição midiática dos políticos, muitos desses malfetores, que usam dessa importante posição apenas para tirar proveito próprio, sequer conseguem andar livremente pelas ruas. Muitos são ameaçados e jamais ousam sair de casa sem escolta. Um bom governo é aquele que transita livremente entre a população e por todos é admirado e acolhido.

Nos países nórdicos, principalmente, onde a democracia atingiu alto grau de civilidade e progresso, é comum encontrar dentro dos transportes urbanos, um primeiro-ministro, ou um alto funcionário do governo indo ao trabalho como fazem todos os cidadãos. Mesmo ocupando altos postos no comando do Estado, esses políticos usam a discrição e o recato para não chamar a atenção sobre si. Não desfrutam de mordomias e as repudiam, sabendo que, com esses breves privilégios, a população vai olhá-los com reprovação e isso pode custar-lhes a próxima eleição. Nesses países, que hoje são modelos para o mundo, casos de corrupção, são selados com o banimento perpétuo do político da vida pública.

Estamos ainda muito longe desse alto padrão de moralidade e civildade. Estranhamente, são os países que apresentam os menores indicadores de transparência e de moralidade na vida pública, e mesmo de IDH, aqueles em que suas lideranças mais fazem questão em chamar a atenção, desfilar com entourage numerosas, frotas de carros blindados, hospedagens nos mais caros hotéis e gastos exorbitantes em sua estadia, agindo como verdadeiros marajás, enquanto governam para uma população que pena para sobreviver e custear tudo. Falta discrição, e sobra soberba.

» A frase que foi pronunciada

“A menor minoria é o indivíduo. Aqueles que não respeitam os direitos individuais não podem pretender defender os direitos das minorias.”

Ayn Rand

Borracha

» Em Brasília, a parte norte cresceu mais tarde. Algumas correções foram feitas depois de percebidos detalhes. Não foi uma boa ideia construir as casas da W3 Sul na beira da pista. Por isso, o desenho foi modificado na W3 Norte.

Consume dor

» Ainda há operadora de celular que insiste no inconveniente telemarketing. Quem se sentir incomodado pode fazer uma reclamação tendo o número e o nome do atendente. Basta registrar na ouvidoria da Anatel.

Atitude

» Artigo interessante publicado pelo Gerente de Vendas do Aftermarket da FUCHS, Marcelo Martini: A manutenção automotiva e sua contribuição para a segurança no trânsito. Parece óbvio, mas as estatísticas apontam como uma das principais causas de acidentes.

» História de Brasília

Os pacotes de cinco quilos de arroz, a 35 cruzeiros, são disputados a cotoveladas e empurrões, e cada comprador leva a quantidade que deseja. Se o saco de arroz da Novacap levasse um distintivo pelo qual cada pessoa levaria apenas um, desestimularia, certamente, os que vão ao supermercado para restabelecer seus estabelecimentos comerciais. (Publicada em 18/3/1962)

O futuro criativo do DF

» GILBERTO LIMA JUNIOR

Presidente do Instituto Iluminante de Inovação Tecnológica e Impacto Social e do Conselho Curativo da Fundação Assis Chateaubriand

Em um mundo impactado por todos os lados pelo avanço de tecnologias disruptivas, entre as quais a inteligência artificial, o que esperar do futuro do trabalho, dos negócios, da sociedade humana e do próprio DF? O surgimento do Chat GPT 4 da Empresa Open AI, que emula a linguagem humana com mais de 1 trilhão de parâmetros de machine learning (aprendizagem de máquina), já é capaz de causar arrepios pela capacidade de elaboração de artigos científicos, desenvolvimento de programas de software, websites, classificar-se entre os primeiros lugares em concursos como o equivalente ao da OAB nos EUA ou nas universidades mais exigentes do mundo.

Em outras inteligências artificiais voltadas ao segmento audiovisual, a pintura e a produção musical também impressionam pela velocidade e qualidade com que produzem suas obras. Chega a ser assustador. Diante desse cenário, há futuro para os criativos?

Atualmente, o mercado criativo responde por aproximadamente 7% do PIB mundial. O mercado brasileiro tem apresentado grande crescimento nos últimos anos. Segundo dados da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), em 2019, movimentou cerca de R\$ R\$ 171,5 bilhões e gerou mais de 1,5 milhão de empregos no país. Os principais segmentos da economia criativa no Brasil são o audiovisual, design, moda, música, publicidade, arquitetura, artesanato e gastronomia. Com a digitalização e a globalização, as oportunidades

nesses segmentos tendem a se expandir ainda mais. O audiovisual é o segmento que mais se destaca, representando cerca de 34,8% do volume de negócios da economia criativa brasileira.

O dia internacional da criatividade é celebrado mundialmente em 21 de abril desde que foi instituído pela ONU em 2017. A grande inspiração nasceu de uma amizade entre o economista John Anthony Howkins e o brasileiro Lucas Foster. Psicólogos e ativistas, ambos dedicados ao tema da economia criativa, termo forjado por Howkins. Lucas convenceu a ONU e, desde então, nessa data, centenas de cidades ao redor do globo celebram a criatividade humana.

Neste ano, Brasília e mais de 120 cidades em 19 países realizaram uma intensa programação comemorativa nos dias 20, 21 e 22 de abril. A convite da organizadora local, Ana Paula Bessa, tive o privilégio de realizar uma palestra seguida de um painel com o tema O impacto da inteligência artificial nas áreas da economia criativa. Conteí com representantes brasilienses do mais alto nível nessa troca de idéias — Marcus Ligocki, cineasta premiado internacionalmente; Ralfe Braga, artista visual que encanta nossa cidade com suas obras; Cris Kozovits, ghost writer e expoente na produção de conteúdos literários.

Tanto os painelistas quanto a plateia presente concordaram que há uma clara distinção entre ferramentas generativas e criatividade genuína. Sensibilidade, emoção, arrepios, encantamento, alegria jamais deixarão de ser o diferencial que distingue o humano das máquinas.

Considerando a velocidade com que o mercado criativo do DF avança e a intensidade das interações em torno dele, parece que o futuro será bastante humanizado.

Segundo estudo desenvolvido pela Universidade Católica de Brasília sob encomenda da Câmara de Negócios da Economia Criativa, o segmento movimentou mais de R\$ 9 bilhões no Distrito Federal em 2022. A renda média dos agentes criativos do DF é de R\$ 4 mil por mês, considerada a maior do país.

O setor é responsável por 3,5% do Produto Interno Bruto (PIB) do DF. Mais de 90 mil agentes criativos entre profissionais e empresas formam a cadeia produtiva setorial com a predominância dos seguintes domínios de negócios: publicidade (13.096), moda (3.324), audiovisual (2.378), pesquisa/educação (1.550), turismo (1.498), eventos (1.083), arquitetura (1.082), software (855), gastronomia (590), mídias (360).

A saga de Juscelino acaba de completar 63 anos e ela é por si o resultado da visão, do empreendedorismo e do espírito alegre e boêmio de um presidente bossa nova que se apoiou na poesia, na arquitetura e nas artes para projetar o futuro de nosso país. O futuro do DF reserva muitas possibilidades e, nesse sentido, considero o estudo executado sob a coordenação do professor Alexandre Kieling, da Universidade Católica de Brasília, verdadeira bússola. É importante saber que na Brasília, Capital da Esperança, o futuro, além de virtual, segue concreto.